



UMA REFLEXÃO SOBRE A CARACTERIZAÇÃO DO SUPERDOTADO E A CONDIÇÃO DA DUPLA EXCEPCIONALIDADE

A REFLECTION ON THE CHARACTERIZATION OF THE GIFTED AND THE CONDITION OF TWICE EXCEPTIONALITY



Felipe Rodrigues MARTINS

Doutor em Ensino de Ciências pelo Instituto Oswaldo Cruz – FIOCRUZ. Coordenador do Setor Espaço de Inclusão do Instituto Superior do Rio de Janeiro – ISERJ, Rio de Janeiro, Brasil.

 <https://orcid.org/0000-0003-1428-027X> |  felipe_prof@yahoo.com



Fernanda Serpa CARDOSO

Doutora em Ciências e Biotecnologia pela Universidade Federal Fluminense – UFF. Professora Adjunta do Departamento de Biologia Celular e Molecular e do Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão (CMPDI) da Universidade Federal Fluminense – UFF, Rio de Janeiro, Brasil.

 <https://orcid.org/0000-0003-3806-1725> |  fernandalabiomol@yahoo.com.br

Rosane Moreira Silva de MEIRELLES

Doutora em Ciências pelo Instituto Oswaldo Cruz – FIOCRUZ. Professora Adjunta do Departamento de Ensino de Ciências e Biologia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro, Brasil.

 <https://orcid.org/0000-0002-9560-2578> |  rosanemeirelles@gmail.com


MARTINS, Felipe Rodrigues; CARDOSO, Fernanda Serpa; MEIRELLES, Rosane Moreira Silva de. *Uma reflexão sobre a caracterização do superdotado e a condição da dupla excepcionalidade*. Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial, v. 11, n. 2, e0240018, 2024.

RESUMO: há indivíduos que conjugam habilidades e competências e que, contudo, têm déficits na comunicação e interação social. O presente artigo discute a sub-representação de indivíduos superdotados e dentro do espectro autista, identificados como duplamente excepcionais. Foi realizada pesquisa quantitativa transversal, através de questionário fechado estruturado, elaborado com o objetivo de caracterizar o participante de oficina em dois eventos distintos, com responsáveis por crianças e adolescentes, realizados de forma remota, destinados exclusivamente a superdotados (n = 20). O indivíduo foi caracterizado como majoritariamente do sexo masculino, nascido entre os anos de 2007 e 2010, sendo identificado por teste psicométrico, predominantemente matriculado no Ensino Fundamental I de escola privada, sendo residente no município de Niterói. A maioria não participa de atividade extracurricular de enriquecimento ou apresenta qualquer condição de dupla excepcionalidade. O pequeno número de indivíduos na condição de dupla excepcionalidade envolvendo superdotação e o transtorno do espectro autista (n = 2) sugere negligência, que, por sua vez, pode estar relacionada: (a) ao desconhecimento, especialmente no que tange os profissionais envolvidos na identificação e atendimento; (b) ao preconceito relacionado ao autismo. Se tratando da dupla excepcionalidade envolvendo superdotação e o autismo, é bastante importante a sub-representação dos indivíduos autistas, quando também superdotados, porque: (a) a condição de superdotação pode mascarar ou minimizar os possíveis prejuízos decorrentes do transtorno; (b) as pessoas atribuem valores diferentes a uma e outra condição.

PALAVRAS-CHAVE: Superdotação. Autismo. Dupla Excepcionalidade. Identificação.

ABSTRACT: there are individuals who combine skills and competencies and who, however, have deficits in communication and social interaction. This article discusses the underrepresentation of gifted individuals and individuals on the autistic spectrum, identified as twice exceptional. Cross-sectional quantitative research was carried out, using a structured closed questionnaire, designed with the aim of characterizing workshop participants in two different events, with guardians of children and adolescents, held remotely, aimed exclusively at gifted individuals (n = 20). The individual was characterized as mostly male, born between 2007 and 2010, being identified by psychometric test, predominantly enrolled in Elementary School I at a private school, and residing in the city of Niterói. The majority do not participate in enrichment extracurricular activities or have any double exceptionality condition. The small number of individuals in the twice exceptionality condition involving giftedness and autism spectrum disorder (n = 2) suggests negligence, which, in turn, may be related to: (a) lack of knowledge, especially regarding the professionals involved in the identification and service; (b) prejudice related to autism. When it comes to the twice exceptionality involving giftedness and autism, the underrepresentation of autistic individuals, when also gifted, is quite important because: (a) the condition of giftedness can mask or minimize the possible losses resulting from the disorder; (b) people attribute different values to one condition and another.

KEYWORDS: Giftedness. Autism. Twice Exceptionality. Identification.

 <https://doi.org/10.36311/2358-8845.2024.v11n2.e0240018>



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

UMA REFLEXÃO SOBRE A CARACTERIZAÇÃO DO SUPERDOTADO E A CONDIÇÃO DA DUPLA EXCEPCIONALIDADE

A REFLECTION ON THE CHARACTERIZATION OF THE GIFTED AND THE CONDITION OF TWICE EXCEPTIONALITY

Felipe Rodrigues MARTINS¹

Fernanda Serpa CARDOSO²

Rosane Moreira Silva de MEIRELLES³

RESUMO: há indivíduos que conjugam habilidades e competências e que, contudo, têm déficits na comunicação e interação social. O presente artigo discute a sub-representação de indivíduos superdotados e dentro do espectro autista, identificados como duplamente excepcionais. Foi realizada pesquisa quantitativa transversal, através de questionário fechado estruturado, elaborado com o objetivo de caracterizar o participante de oficina em dois eventos distintos, com responsáveis por crianças e adolescentes, realizados de forma remota, destinados exclusivamente a superdotados (n = 20). O indivíduo foi caracterizado como majoritariamente do sexo masculino, nascido entre os anos de 2007 e 2010, sendo identificado por teste psicométrico, predominantemente matriculado no Ensino Fundamental I de escola privada, sendo residente no município de Niterói. A maioria não participa de atividade extracurricular de enriquecimento ou apresenta qualquer condição de dupla excepcionalidade. O pequeno número de indivíduos na condição de dupla excepcionalidade envolvendo superdotação e o transtorno do espectro autista (n = 2) sugere negligência, que, por sua vez, pode estar relacionada: (a) ao desconhecimento, especialmente no que tange os profissionais envolvidos na identificação e atendimento; (b) ao preconceito relacionado ao autismo. Se tratando da dupla excepcionalidade envolvendo superdotação e o autismo, é bastante importante a sub-representação dos indivíduos autistas, quando também superdotados, porque: (a) a condição de superdotação pode mascarar ou minimizar os possíveis prejuízos decorrentes do transtorno; (b) as pessoas atribuem valores diferentes a uma e outra condição.

PALAVRAS-CHAVE: Superdotação. Autismo. Dupla Excepcionalidade. Identificação.

¹ Doutor em Ensino de Ciências pelo Instituto Oswaldo Cruz – FIOCRUZ. Coordenador do Setor Espaço de Inclusão do Instituto Superior do Rio de Janeiro – ISERJ, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: felipe_prof@yahoo.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1428-027X>

² Doutora em Ciências e Biotecnologia pela Universidade Federal Fluminense – UFF. Professora Adjunta do Departamento de Biologia Celular e Molecular e do Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão (CMPDI) da Universidade Federal Fluminense – UFF, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: fernandalabiomol@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3806-1725>

³ Doutora em Ciências pelo Instituto Oswaldo Cruz – FIOCRUZ. Professora Adjunta do Departamento de Ensino de Ciências e Biologia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: rosanemeirelles@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9560-2578>

ABSTRACT: there are individuals who combine skills and competencies and who, however, have deficits in communication and social interaction. This article discusses the underrepresentation of gifted individuals and individuals on the autistic spectrum, identified as twice exceptional. Cross-sectional quantitative research was carried out, using a structured closed questionnaire, designed with the aim of characterizing workshop participants in two different events, with guardians of children and adolescents, held remotely, aimed exclusively at gifted individuals (n = 20). The individual was characterized as mostly male, born between 2007 and 2010, being identified by psychometric test, predominantly enrolled in Elementary School I at a private school, and residing in the city of Niterói. The majority do not participate in enrichment extracurricular activities or have any double exceptionality condition. The small number of individuals in the twice exceptionality condition involving giftedness and autism spectrum disorder (n = 2) suggests negligence, which, in turn, may be related to: (a) lack of knowledge, especially regarding the professionals involved in the identification and service; (b) prejudice related to autism. When it comes to the twice exceptionality involving giftedness and autism, the underrepresentation of autistic individuals, when also gifted, is quite important because: (a) the condition of giftedness can mask or minimize the possible losses resulting from the disorder; (b) people attribute different values to one condition and another.

KEYWORDS: Giftedness. Autism. Twice Exceptionality. Identification.

INTRODUÇÃO

Em sentido amplo, a inteligência representa a capacidade cerebral pela qual penetra-se na compreensão das coisas escolhendo o melhor caminho, sendo o produto de uma operação cerebral que permite resolver problemas e/ou criar produtos que tenham valor em determinada sociedade (Antunes, 2008). No entanto, a partir dos avanços da ciência cognitiva, nas últimas décadas, a inteligência passou por significativas mudanças epistemológicas e axiológicas (Gáspari; Schwarts, 2002).

Em termos históricos, Gardner (1983) revolucionou o campo da psicologia cognitiva, ao ultrapassar a noção comum de inteligência como capacidade ou potencial geral que cada ser humano possui em maior ou menor extensão. Além disso, questionou a suposição de que a inteligência pudesse ser medida por instrumentos verbais padronizados. Já Sternberg (1984) postulou que a inteligência seria constituída por três subteorias: uma teoria contextual, que relaciona a inteligência com o mundo externo do indivíduo; uma subteoria componencial, que relaciona a inteligência com o mundo interno do indivíduo; e uma subteoria de duas facetas, que relaciona a inteligência aos mundos externo e interno.

Recentemente, uma fusão entre os modelos de Cattell-Horn e Carroll emergiu como modelo de consenso baseado em psicometria para entender a estrutura da inteligência humana. Cattell (1971) acreditava que a inteligência fluida incluía habilidades de raciocínio indutivo e dedutivo, enquanto defendia a ideia de que a inteligência cristalizada consistia em habilidades de conhecimento adquiridas que refletiam, em grande parte, as influências da aculturação. Já Carroll (1993) reconciliou uma contradição bastante importante: a conceituação unidimensional da inteligência defendida por Spearman e a proposição de que a inteligência é uma construção complexa e multifacetada.

Quanto à superdotação, considera-se a hipótese que o comportamento superdotado reflita a interação entre três grupamentos básicos de traços humanos: capacidade acima da média, elevados níveis de envolvimento com a tarefa e de criatividade. Os indivíduos

com comportamento superdotado são aqueles que possuem ou são capazes de desenvolver esse conjunto de traços e aplicá-los a qualquer área potencialmente valiosa do desempenho humano (Renzulli, 1978; Renzulli; Reis, 1997). A compreensão da superdotação segundo este prisma permite tanto transcender a ideia reducionista de que um indivíduo possa ser “rotulado” como superdotado quanto impõe a responsabilidade de oferecer oportunidades para que estes indivíduos atinjam seu potencial de desempenho (Martins, 2016).

Sob outra perspectiva, diferencia-se superdotação e talento. Enquanto a superdotação corresponde à competência nitidamente acima da média em um ou mais domínios de habilidade, o talento se refere ao desempenho acima da média em um ou mais campos de atuação humana (Gagné, 1985). Neste contexto, os conceitos de competência e desempenho são importantes para entender as diferenças entre superdotação e talento. O talento se expressa por meio de um conjunto de comportamentos vinculados a esse campo de atividade, enquanto a superdotação é geralmente identificada por meio de medidas unidimensionais e padronizadas, de modo a conectar as características individuais que “explicam” o desempenho observado (Gagné, 1985).

De mesma forma que os conceitos de inteligência e superdotação estão sujeitos a avanços e retrocessos em termos temporais, pode-se afirmar que a caracterização do indivíduo dentro do espectro autista também evoluiu no tempo, conforme apontam as classificações internacionais. O conceito de autismo avançou bastante desde a publicação dos artigos *Autistic Disturbances of Affective Contact*, escrito pelo psiquiatra austríaco Leo Kanner (1943), e *Die Autistische Psychopathen in Kindersalter*, escrito pelo também psiquiatra austríaco Hans Asperger (1944). Embora tenham usado o mesmo termo, os quadros clínicos descritos pelos autores são bastante distintos entre si, uma vez que os sujeitos descritos por Asperger eram mais velhos e não havia atraso significativo no desenvolvimento cognitivo ou na aquisição da linguagem (Irwin et al., 2011; Volkmar; Mcpartland, 2014). Já Kanner (1943) descreveu o comportamento de crianças que não demonstravam qualquer apego aos familiares ou companheiros de brincadeira, vivendo ensimesmadas. O autor utilizou o termo autismo para descrever o pensamento autocêntrico e aparente afastamento do mundo social de determinado grupo de crianças com esquizofrenia. Kanner (1943) postulou que o distúrbio fundamental em crianças autistas era a incapacidade de se relacionar da maneira comum com pessoas e situações desde o início da vida.

Em 1952, a *American Psychiatric Association* (APA) publicou a primeira versão do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM), onde o termo autismo apareceu inserido na descrição da Reação Esquizofrênica, do tipo infantil. A terceira versão do DSM, publicada em 1980, foi a primeira a apresentar o autismo como entidade nosográfica, reconhecido como subgrupo dentro da categoria geral dos Distúrbios Gerais do Desenvolvimento (Volkmar et al., 2012).

Recentemente, tanto no documento publicado pela APA, quanto no *International Classification of Diseases* (ICD), publicado pela *World Health Organization* (WHO), o conceito de autismo foi revisado, passando a ser categorizado como Transtorno do Espectro Autista (TEA). Desde então, o transtorno é caracterizado por déficits persistentes na capacidade de iniciar e manter a interação social recíproca e de comunicação social e por padrões restritos, repetitivos e inflexíveis de comportamento e interesses. Os déficits devem ser suficientemente severos para causar prejuízo na vida pessoal, familiar, social, educacional, ou ocupacional e são geralmente observáveis em todos os ambientes, variando de acordo com o contexto (*WORLD HEALTH ORGANIZATION*, 2019).

A despeito de um ou outro modelo teórico de superdotação ou mesmo das mudanças no conceito de autismo, há indivíduos que conjugam habilidades e competências que os permitem resolver problemas e/ou criar produtos e que, contudo, têm déficits na comunicação e interação social. Esses indivíduos, caracterizados como duplamente excepcionais, são identificados como superdotados em uma ou mais áreas, ao mesmo tempo que possuem uma deficiência de aprendizagem, emocional, física, sensorial e/ou de desenvolvimento (Yewchuk; Lupart, 1993). Considerando a diversidade quanto aos conceitos de inteligência e superdotação em termos temporais, bem como a evolução do conceito de autismo, o presente artigo discute a sub-representação de indivíduos dentro do espectro autista e superdotados, identificados como duplamente excepcionais.

MÉTODO

Foi realizada pesquisa quantitativa transversal, através de questionário fechado estruturado, com responsáveis por crianças e adolescentes participantes de dois eventos distintos, destinados exclusivamente a estudantes superdotados: IV Simpósio de Altas Habilidades ou Superdotação e no IX Curso de Verão para alunos superdotados. Os eventos foram organizados respectivamente pela coordenação do Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão (CMPDI) da Universidade Federal Fluminense (UFF) e pelo grupo de pesquisa Desenvolvimento e Inovação em Ensino de Ciências (DIECI), da mesma instituição. O grupo de pesquisa atende, na perspectiva extensiva, estudantes superdotados em consonância com a legislação vigente que prevê atividades de enriquecimento curricular desenvolvidas em interface com os núcleos de atendimento a superdotados e/ou com instituições de ensino superior (Brasil, 2001, 2009).

O simpósio foi realizado de forma remota entre os dias 03 e 05 de dezembro de 2021, enquanto o curso foi realizado de forma remota entre os dias 24 e 28 de janeiro de 2022. Na ocasião, o tema do simpósio era a identificação e o atendimento a alunos superdotados e uma das propostas era ofertar atividades na perspectiva de *Science, Technology, Engineering, Arts and Mathematics* (STEAM) para os participantes do evento. Já o curso de verão tinha como

objetivo atender a crianças superdotadas através de oficinas que utilizassem conhecimentos científicos e matemáticos a fim de discutir alguma questão de cunho social. Feita a inscrição pelos responsáveis em ambos os eventos e, feita a inscrição do menor em uma oficina, com duração de 2h, voltada para CienciArte, foi enviado o questionário para os responsáveis. A oficina constituía parte de um objeto de pesquisa de doutoramento em Ensino em Biociências e Saúde.

O questionário para os responsáveis foi elaborado com o objetivo de caracterizar o indivíduo superdotado participante da oficina (Gil, 2008; Vaughn; Jacquez, 2020). A coleta dos dados ocorreu remotamente, por meio de um questionário desenvolvido na plataforma *Google Forms*, enviado por e-mail na forma de lista oculta. Os dados quantitativos obtidos por meio do questionário foram analisados por meio de planilhas utilizando o Microsoft Excel, versão Office 365. A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética, tendo sido pautada na eticidade, o que implica em consentimento livre e esclarecido dos indivíduos-alvo e a proteção a grupos vulneráveis e aos legalmente incapazes; ponderação entre riscos e benefícios; além da garantia de que danos previsíveis fossem evitados (Brasil, 2012, 2016).

O questionário fechado foi construído com 11 perguntas, a saber: (a) grau de parentesco com o menor; (b) data de nascimento do menor; (c) sexo; (d) menor foi identificado como superdotado através de teste psicométrico; (e) segmento de escolaridade do menor no ano de realização do evento; (f) tipo de escola onde o menor estuda em escola; (g) município de residência do menor; (h) menor participa de algum extracurricular de enriquecimento para superdotados; (i) menor apresenta dupla excepcionalidade; (j) menor faz acompanhamento psicológico e/ou psiquiátrico; (k) se a resposta anterior for “sim”, o principal motivo para o acompanhamento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados representam a síntese de todas as respostas coletadas (n = 20 responsáveis), considerados os dois eventos. Do número total de questionários, 19 foram preenchidos por pai ou mãe, enquanto 1 foi preenchido por tio ou tia. O indivíduo superdotado foi caracterizado como majoritariamente do sexo masculino (n = 15), nascido entre os anos de 2007 e 2010 (n = 8), sendo identificado, segundo relato dos responsáveis, através de teste psicométrico (n = 13). O estudante está predominantemente matriculado no Ensino Fundamental I (n = 8) de escola privada (n = 13) sendo residente no município de Niterói (n = 7).

No Quadro 1, são apresentadas as informações referentes ao ano de nascimento, ao segmento de escolaridade ao qual o indivíduo pertence e ao tipo de escola que frequenta.

QUADRO 1- Síntese de informações sobre participantes das oficinas (n = 20)

Ano de nascimento	Total	Segmento de escolaridade	Total	Escola onde estuda	Total
Entre 2003 e 2006	4	Educação Infantil	2	Pública	7
Entre 2007 e 2010	8	Ensino Fundamental I	8	Privada	13
Entre 2011 e 2014	6	Ensino Fundamental II	6		
Entre 2015 e 2018	2	Ensino Médio	4		
Total	20	Total	20	Total	20

Fonte: elaborado pelos autores.

O fato da maioria dos alunos estudar em escola privada ratifica a preocupação de entidades da sociedade civil, como o Instituto Social para Motivar, Apoiar e Reconhecer Talentos (ISMART), que oferecem apoio a estudantes superdotados, através de atividades suplementares, aulas de reforço ou até bolsas de estudo em instituições privadas de ensino (Oliveira, 2021). A preocupação sobre a invisibilidade dos estudantes superdotados especialmente na rede pública de ensino brasileira também preocupa os pesquisadores brasileiros (Araújo, 2011; Pinheiro, 2020).

Ao analisar a situação de invisibilidade dos estudantes superdotados na educação brasileira, com base em entrevistas realizadas com estudantes residentes na Baixada Santista, Pinheiro (2020) observou que a invisibilidade ocorre, seja pela ausência de informações sobre tais estudantes, seja pela ausência de ferramentas de matrícula e cadastro de alunos, o que resulta, obviamente, na ausência de alunos classificados como superdotados. A invisibilidade pode ser ainda maior, se forem consideradas questões étnicas, raciais ou de gênero (Cotton et al., 2022). Em um estudo norte-americano, mulheres negras identificadas como superdotadas compartilharam retrospectivamente seu(s) desempenho(s) ao longo de sua carreira acadêmica e como essas experiências e atos de resiliência moldaram suas realidades em programas de doutorado (Anderson, 2020).

Os resultados também atestam que a maioria destes indivíduos não participa de atividade extracurricular de enriquecimento (n = 13), apesar do que preconiza a legislação (Brasil, 2009). Apesar do questionário não ter coletado dados sobre o motivo pelo qual o estudante não realiza qualquer atividade desta natureza, pode-se sugerir que ele não faça: (a) por não haver interesse ou; (b) por não haver oferta.

A primeira hipótese pode ser justificada pelo fato dessas atividades serem mal dimensionadas para os estudantes. Da mesma forma que algumas atividades podem subestimar o potencial desses indivíduos, outras podem exigir conhecimentos que eles não possuem previamente. Em relação à possibilidade de se estar subestimando tal potencial, Mendonça e colaboradores (2022) observam que as atividades nos projetos de extensão normalmente

são classificadas como enriquecimento do tipo I ou II, enquanto as atividades promovidas pela escola são do tipo I, o que não atingiria o interesse do superdotado. Por outro lado, superdotados relataram desconforto ao participarem de um curso de robótica que demandava um conhecimento prévio que eles não possuíam (Kandlhofer et al., 2019). A última situação pode ocorrer sobretudo pela ideia equivocada de que o indivíduo superdotado seja autodidata ou que seja presente destaque em todas as áreas do conhecimento (Antipoff; Campos, 2010).

A segunda hipótese pode ser ratificada, como em um círculo vicioso, pela invisibilidade destes alunos que, em função da falta de conhecimento sobre a área e de reconhecimento de suas características pelos professores e gestores, são excluídos nas práticas educacionais (Pérez; Freitas, 2011; Mota, 2022). Esta invisibilidade esbarra, entre tantas questões, no desconhecimento da superdotação produtivo-criativa. Pérez (2004), ao tratar da invisibilidade, empresta particularmente ao superdotado produtivo-criativo, o termo “fantasmilha”. Segundo a autora, muitas vezes, identificam-se alunos talentosos entre aqueles que desenham, cantam, dançam, representam ou têm destacado desempenho nos esportes, mas esses desempenhos não são associados a superdotação.

No Quadro 2, são apresentadas as informações referentes à condição de dupla excepcionalidade e ao acompanhamento psicológico e/ou psiquiátrico. A maioria dos responsáveis aponta que os estudantes não apresentam qualquer condição de dupla excepcionalidade (n = 13) ou não soube responder (n = 4).

QUADRO 2 - Informações quanto à condição de dupla excepcionalidade (n = 20)

Apresenta dupla excepcionalidade?	Total
Sim, Transtorno do Espectro Autista.	2
Sim, Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade.	1
Sim, deficiência de outra natureza.	0
Não.	13
Não soube responder.	4
Total	20

Fonte: elaborado pelos autores.

Nos últimos cinquenta anos, as taxas de prevalência de TEA em crianças aumentaram consideravelmente, de cerca de 0,05% para 1,0% (BURGER-VELTMEIJER et al., 2011). De acordo com artigo veiculado através do *Centers of Disease Control and Prevention* (CDC), a prevalência de autismo chega a ser de 1 para 36 entre crianças de 8 anos de idade (MAENNER et al., 2023). Grande parte da variabilidade entre os estudos não é etiológica e pode ser explicada por diferenças nos critérios diagnósticos e questões de desenho

do estudo (POSSERUD *et al.*, 2010). O percentual quanto a superdotação é ainda mais controverso. Pfeiffer (2002) observou que as taxas podem variar de 1%, utilizando um limite de Quociente de Inteligência (QI) de 135, a cerca de 20%, utilizando múltiplos domínios de talento. Escolhendo arbitrariamente como ponto de corte o QI de 130, a estimativa de prevalência de superdotação é de aproximadamente 2,3%. Multiplicadas pelas estimativas de TEA, as taxas estimadas de dupla excepcionalidade seriam de cerca de 1 a 2% (Burger-Veltmeijer *et al.*, 2011).

O confronto entre o último percentual (2%) e o percentual do estudo (10%), sugere desacordo. A despeito do pequeno número de entrevistados ($n = 20$), o número de casos de dupla excepcionalidade envolvendo superdotação e o TEA ($n = 2$) pode ser justificado, consideradas as seguintes hipóteses: (a) parte dos indivíduos não foi identificada como superdotada através de testes psicométricos; (b) os indivíduos, de fato, não estão dentro do espectro autista; (c) a condição de dupla excepcionalidade é negligenciada. A negligência, por sua vez, pode estar relacionada: (a) ao desconhecimento, especialmente no que tange os profissionais envolvidos na identificação e atendimento; (b) ao preconceito relacionado ao autismo.

Dentre as diferentes hipóteses, fez-se a opção sobre discutir a questão da negligência. A negligência, como consequência do desconhecimento, pode ser observada sob a perspectiva histórica. Especialmente quanto a superdotação, até a década de 1960 predominava, de forma geral, a ideia de que indivíduos superdotados seriam “melhores” que o restante da população, sobretudo pela influência do trabalho de Terman (1925). Entretanto, entre a década de 1960 e 1970, duas publicações trouxeram à tona questões que colocariam em cheque essa perspectiva: *Children with developmental imbalances: a psychoeducational definition*, de James Gallagher (1996), e *The gifted child with learning disabilities*, de Joel Elkind (1973). Enquanto o primeiro discutiu os picos e vales que demonstravam padrões de pontos fortes e fracos para crianças superdotadas com dificuldades de aprendizagem, o segundo introduziu, de maneira formal, a ideia de crianças superdotadas também teriam dificuldades de aprendizagem (Baldwin *et al.*, 2015).

Posteriormente, Meisgeier e colaboradores (1978) reconheceram que alunos superdotados com dificuldades de aprendizagem precisavam tanto de suporte quanto de programação avançada. Eles argumentaram que as questões emocionais, resultantes da discrepância entre o que esses alunos podiam e o que não podiam, justificavam a atenção especial. De todo modo, considerando, particularmente, a realidade estadunidense, a atenção a estes estudantes só começou a melhorar a partir da virada do século XX, sobretudo em função da promulgação de uma lei, nos Estados Unidos, que, pela primeira vez, fez-se menção de que alunos com dupla excepcionalidade deveriam ter prioridade nos programas de financiamento (Baldwin *et al.*, 2015).

A hipótese da negligência pelo desconhecimento pode ser corroborada por Foley-Nicpon e colaboradores (2013), quando constatam que, mesmo em solo norte-americano,

professores e psicólogos escolares afirmam ter familiaridade passageira ou não têm ciência desta condição. No Brasil, a situação não parece ser diferente. Coutinho-Souto e Fleith (2021) afirmam que diversos atores no cenário educacional brasileiro ainda desconhecem a condição da dupla excepcionalidade.

A negligência pode ser também vista pela perspectiva do preconceito. Se tratando da dupla excepcionalidade envolvendo superdotação e o autismo, é bastante importante a sub-representação dos indivíduos autistas, quando também superdotados, porque: (a) a condição de superdotação pode mascarar ou minimizar os possíveis prejuízos decorrentes do transtorno; (b) as pessoas atribuem valores diferentes a uma e outra condição.

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, adultos dentro do espectro autista sem comprometimento intelectual são capazes de desenvolver estratégias compensatórias para alguns desafios sociais, sofrendo com o esforço e a ansiedade para, de forma consciente, calcular o que é socialmente intuitivo para a maioria dos indivíduos. Estes adultos aprendem a suprimir comportamentos repetitivos em público. Os indivíduos que conseguem viver e trabalhar regularmente tendem a ter linguagem e capacidades intelectuais superiores, conseguindo encontrar um nicho que combine com seus interesses e habilidades especiais (*AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION*, 2014).

Nesse sentido, é possível confrontar, por exemplo, o conceito de superdotação de Renzulli com as características de uma pessoa com TEA sem comprometimento intelectual. Considerando a hipótese de que este indivíduo tenha uma condição intelectual superior, seus padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesse ou atividade podem ser interpretados como o comprometimento com a tarefa, conforme um dos anéis da teoria. Se for acrescentada à discussão a ideia de que indivíduos não precisam manifestar todos os três grupamentos; mas apenas serem identificados como capazes de desenvolver essas características (Renzulli, 2004), é bastante compreensível que o superdotado e o indivíduo dentro do espectro sem comprometimento intelectual sejam confundidos ou mesmo que a dupla excepcionalidade seja negligenciada.

Neihart (2000) aponta a frequência de relações feitas entre autismo e superdotação, sem embasamento teórico na própria literatura. Nesse caso, considera particularmente o autismo sem comprometimento intelectual, normalmente associado à Síndrome de Asperger, de acordo com a literatura do início do século XXI. Como contraponto, oferece um conjunto de características que distinguem os indivíduos superdotados daqueles com TEA e superdotação: embora ambos os grupos possam ser altamente verbais, indivíduos com TEA são tipicamente pedantes; embora ambos sejam resistentes à rotina em casa ou na escola, indivíduos superdotados não são tão rígidos quanto às rotinas como alguns indivíduos com TEA; embora ambos possam ser considerados excêntricos, os indivíduos com TEA não têm ciência de que sua excentricidade possa parecer estranha aos outros; embora ambos sejam

desatentos, nos superdotados, a desatenção “vem de fora” enquanto nos indivíduos dentro do espectro, a desatenção “vem de dentro”.

Vieira e Simon (2012) também oferecem características que podem distinguir os superdotados dos indivíduos dentro do espectro sem comprometimento intelectual. Neste caso, tais características são divididas em quatro categorias: cognição, interação social, comportamento adaptativo e comunicação. Sobre a cognição, os superdotados costumam ter alto grau de curiosidade, atenção concentrada, interesse por problemas filosóficos, morais, políticos e sociais, assim como criatividade. Em relação à área da interação social, os sujeitos com TEA apresentam comprometimento grave e persistente, com dificuldades em se colocar no lugar do outro, rigidez de pensamento, dificuldade em discernir a ficção da realidade e dificuldade em perceber o perigo.

Em relação ao comportamento adaptativo, superdotados mostram-se independentes, autônomos, perfeccionistas, persistentes, contrários a atividades curriculares regulares e questionares de regras. Finalmente, quanto à comunicação, os sujeitos com TEA costumam ter dificuldades para iniciar ou manter conversa, não têm discernimento de um assunto como adequado e/ou falta de linguagem corporal adequada, além da fala pedante e exagerada (Vieira; Simon, 2012).

Todas estas nuances podem comprometer a diferenciação de um indivíduo superdotado de um autista ou mesmo de outro com dupla excepcionalidade, de tal forma que uma ou outra condição seja preterida. Nestes casos, costuma-se privilegiar a condição de superdotação, dadas todas as questões míticas tanto sobre a superdotação quanto sobre o autismo. Em um estudo de caso de uma criança superdotada em processo de diagnóstico de autismo, fica evidente a preocupação no discurso da família. Segundo o relato, para a mãe, os sintomas que o transtorno acarreta não são o maior problema; o que a preocupa é o estigma (Vilarinho-Rezende et al., 2016).

Entretanto, um olhar mais atento sobre o tema revela haver também uma visão estereotipada negativa sobre o superdotado. Em estudo que explora as experiências vividas por oito crianças duplamente excepcionais, as narrativas revelam uma meta-narrativa de estigmatização, seja pela questão da superdotação ou pelo TEA. Todos os participantes relataram experiências negativas contínuas, principalmente na escola, que geralmente envolviam interações interpessoais (Ronksley-Pavia et al., 2019).

Quanto ao estereótipo, um estudante descreve o superdotado como:

A boy wearing a white shirt with black polished shoes, suit pants with a sweater with a bow tie, slicked hair, snooty nose, standing outside an old fashioned school, who plays the piano and aces subjects, kids that are very good at school, people that get scholarships (op. cit., p. 17).⁴

Já, quanto à deficiência, outro estudante afirma que:

I don't see why I need a label, people have just looked down on me for being labeled as that . . . they think you're dumber, you don't have the same ability to do things. I am perfectly able to do the same things as others; sometimes I'm better than what is considered normal. I didn't want that related to me anymore (op. cit., p. 16).⁵

Frequentemente, esbarra-se na discussão sobre a importância para a identificação do indivíduo superdotado e a possível estigmatização decorrente (Alencar; Fleith, 2001). É inegável que a identificação do superdotado traz consigo o benefício do atendimento adequado (Virgolim, 2007) e a visibilidade da questão em oposição a subnotificação das estatísticas (Brero; Rondini, 2020; Dos Santos; Gusmão Coutinho, 2020). Por outro lado, se argumenta que a definição pode limitar a visão sobre o indivíduo, tanto no sentido de rotulá-lo quanto de não considerar sua individualidade e suas demandas duplamente específicas.

CONCLUSÕES

Os resultados mostram que a maioria dos alunos estuda em escola privada, o que ratifica a preocupação sobre a invisibilidade dos estudantes superdotados especialmente na rede pública de ensino brasileira. Os resultados também demonstram ser pequeno o número de estudantes que participam de atividade extracurricular de enriquecimento, a despeito da legislação vigente. O pequeno quantitativo de indivíduos na condição de dupla excepcionalidade envolvendo superdotação e o espectro autista sugere a negligência, o que, em última análise, pode comprometer o atendimento às demandas de um indivíduo nessa condição.

⁴ Um menino de camisa branca com sapatos pretos engraxados, calça de terno com suéter com gravata borboleta, cabelo alisado, nariz arrebitado, parado do lado de fora de uma escola antiquada, que toca piano e acerta nas matérias, garotos que são muito bons na escola, pessoas que recebem bolsas de estudo (Ronksley-Pavia *et al.*, 2019, p. 17, tradução nossa).

⁵ Não vejo por que preciso de um rótulo, as pessoas simplesmente me menosprezam por ser rotulado assim. . . acham que você é mais burro, não tem a mesma capacidade de fazer as coisas. Sou perfeitamente capaz de fazer as mesmas coisas que os outros; às vezes sou melhor do que o considerado normal. Eu não queria mais isso relacionado a mim (*op. cit.*, p. 16, tradução nossa).

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Eunice Maria Lima Soriano, FLEITH, Denise Souza. **Superdotados: determinantes, educação e ajustamento**. 2. ed. São Paulo: EPU, 2001.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 5a ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2014.
- ANDERSON, Brittany N. “See Me, See Us”: Understanding the Intersections and Continued Marginalization of Adolescent Gifted Black Girls in U.S. Classrooms. **Gifted Child Today**, v. 43, n. 2, p. 86-100, 2020. <https://doi.org/10.1177/1076217519898216>
- ANTIPOFF, Cecília Andrade, CAMPOS, Regina Helena Freitas. Superdotação e seus mitos. **Revista Psicologia Escolar e Educacional**, v. 14, n. 2, p. 301-309, 2010. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572010000200012>
- ANTUNES, Celso. **As inteligências múltiplas e seus estímulos**. Campinas: Papirus, 1998.
- ARAÚJO, Marisa Ribeiro. **Identificação e encaminhamento de alunos com indicadores de altas habilidades / superdotação na escola pública do município de Fortaleza: proposta para atuação de professores do atendimento educacional especializado**. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.
- ASPERGER, Hans. Die “autistischen Psychopathen” im Kindersalter. **Arch. Psychiatr. Nervenkrankheiten**, v. 117, p. 76-136, 1944.
- BALDWIN, Lois, BAUM, Susan, PERELES, Daphne, HUGHES, Claire. Twice-Exceptional Learners: The Journey Toward a Shared Vision. **Gifted Child Today**, v. 38, n. 4, 206-214, 2015. <https://doi.org/10.1177/1076217515597277>
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB nº 2, de 11 de setembro. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 14 set. 2001.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB nº 4, de 2 de outubro. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 5 out. 2009.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução CNS nº 510, de 07 de abril. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 24 mai, 2016.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução CNS nº 466, de 12 de dezembro. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 13 jun, 2013.
- BRERO, José Guilherme Degásperi, RONDINI Carina A. Subnotificação censitária de estudantes com Altas Habilidades / Superdotação em 2020: desorganização ou descaso? **Teias**, v. 23, n. 71, p. 476-486, 2020. <https://doi.org/10.12957/teias.2022.65416>
- BURGER-VELTMEIJER, Agnes E. J., MINNAERT, Alexander. E. M. G., VAN HOUTEN-VAN DEN BOSCH, Els J. The co-occurrence of intellectual giftedness and Autism Spectrum Disorders. *Educational Research Review*, v. 6, n. 1, p. 67-88. 2011. <https://doi.org/10.1016/j.edurev.2010.10.001>
- CARROLL, John Bissell. **Human cognitive abilities: A survey of factor-analytic studies**. New York: Cambridge University Press, 1993.

- CATTELL, Raymond B. **Abilities: Their structure, growth, and action**. Boston: Houghton Mifflin, 1971.
- COTTON, Carlita R. B., DAVIS, Joy Lawson, COLLINS, Kristina H. See Me! Recognizing and Addressing the Invisibility of Gifted Black Girls with Other Learning Exceptionalities. In: PISKE, F. H. R., COLLINS, K. H., ARNSTEIN, K. B. (eds). **Critical Issues in Servicing Twice Exceptional Students**. New York: Springer, 2022. https://doi.org/10.1007/978-3-031-10378-0_12
- COUTINHO-SOUTO, Waleska Karinne Soares, FLEITH, Denise Souza. Inclusão educacional: estudo de caso de um aluno com dupla excepcionalidade. **Revista de Psicologia**, v. 39, n. 1, p. 339-379, 2021. <https://doi.org/10.18800/psico.202101.014>
- DOS SANTOS, Giralayne Michellyne Farias, GUSMÃO COUTINHO, Diógenes. José. Crianças com altas habilidades/superdotação (AH/S) no contexto de sala de aula comum: revisão integrativa. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 1, p. 2627-2648, 2020. <https://doi.org/10.34117/bjdv6n1-185>
- ELKIND, Joel. The gifted child with learning disabilities. **Gifted Child Quarterly**, v. 17, n. 3, p. 45-47, 1973.
- FOLEY-NICPON, Megan, ASSOULINE, Susan G., COLANGELO, Nicholas. Twice-exceptional learners: Who needs to know what? **Gifted Child Quarterly**, v. 57, n. 3, p. 169-180, 2013. <https://doi.org/10.1177/0016986213490021>
- GAGNÉ, François. Giftedness and talent: Reexamining a reexamination of the definitions. **Gifted Child Quarterly**, v. 29, n. 3, p. 103-112, 1985. <https://doi.org/10.1177/001698628502900302>
- GALLAGHER, James J. Children with developmental imbalances: A psychoeducational definition. In: CRUICKSHANK, W. (org.). **The teacher of brain-injured children**. Syracuse, New York: Syracuse University Press, 1966.
- GARDNER, Howard. **Frames of mind: the theory of multiple intelligences**. 1. ed. New York: Basics Books, 1983.
- GÁSPARI, Josset Campagna, SCHWARTS, Gisele Maria. Inteligências múltiplas e representações. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 18, n. 3, p. 261-266, 2002. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722002000300004>
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- IRWIN, Julie K., MACSWEEN, Jennifer, KERNS, Kimberly. A. History and Evolution of the Autism Spectrum Disorders. In: MATSON, J., STURMEY, P. (eds) **International Handbook of Autism and Pervasive Developmental Disorders. Autism and Child Psychopathology Series**. New York: Springer, 2011. https://doi.org/10.1007/978-1-4419-8065-6_1
- KANNER, Leo. *Autistic disturbances of affective contact*. **Nerv Child**, v. 2, p. 217-250, 1943.
- KANDLHOFER, Martin *et al.* MINT-Robo: Empowering Gifted High School Students with Robotics. In: IEEE Frontiers in Education Conference, 2019, Covington. Anais [...]. Covington, 2019.
- MAENNER, Matthew J., *et al.* Prevalence and Characteristics of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 Years - Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network. **Surveill Summ**, v. 72, n. 2, p. 1-14, 2023. <http://dx.doi.org/10.15585/mmwr.ss7202a1>

MARTINS, Felipe Rodrigues. **Clube de ciências como ferramenta de iniciação científica para alunos superdotados e/ou com vocação científica**. Dissertação (Mestrado em Diversidade e Inclusão). Instituto de Biologia. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

MEISGEIER, Charles, MEISGEIER, Constance, WERBLO, Dorothy. Factors compounding the handicapping of some gifted children. **Gifted Child Quarterly**, v. 22, n. 3, p. 325-331, 1978.

MENDONÇA, Lurian Dionizio, CAPELLINI, Vera Lucia Messias Fialho, RODRIGUES, Olga Maria Piazzentin Rolim. Atividades de enriquecimento vivenciadas por estudantes com altas habilidades/superdotação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 27, e270127, p. 1-26, 2022. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782022270127>

MOTA, Sandreliza Pereira. AEE para estudantes com características de altas habilidades / superdotação: uma experiência da rede pública municipal de ensino de São Luís, MA. **Revista Brasileira de Altas Habilidades/Superdotação**, 87-95, Edição Especial, 2022. <https://doi.org/10.56231/rbAHSD.113490>

NEIHART, Maureen. Gifted children with Asperger's syndrome. **Gifted Child Quarterly**, v. 44, n. 4, p. 222-30, 2000. <https://doi.org/10.1177/001698620004400403>

OLIVEIRA, Elida. Busca por alunos de altas habilidades em escolas públicas tenta evitar o desperdício de talentos. **Portal G1**, 15 jun. 2021. Educação. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/06/15/busca-por-alunos-de-altas-habilidades-em-escolas-publicas-tenta-evitar-o-desperdicio-de-talentos.ghtml> Acesso 5 fev. 2023.

PÉREZ, Susana Graciela Pérez Barrera, **Gasparzinho vai à escola: um estudo sobre as características do aluno com altas habilidades produtivo-criativo**. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

PÉREZ, Susana Graciela Pérez Barrera, FREITAS, Soraia Napoleão. Encaminhamentos pedagógicos com alunos com Altas Habilidades / Superdotação na Educação Básica: o cenário brasileiro. **Educar em Revista**, v. 41, p. 109-124, 2011. <https://doi.org/10.1590/S0104-40602011000300008>

PFEIFFER, Steven I. Identifying gifted and talented students. **Journal of Applied School Psychology**, v. 19, n. 1, p. 31-50, 2002. https://doi.org/10.1300/J008v19n01_03

PINHEIRO, Leandro Nóbrega. A invisibilidade dos estudantes com características de altas habilidades/superdotação, na realidade educacional brasileira, com base em suas perspectivas. **Cadernos CERU**, v. 31, n. 2, p. 92-109, 2020.

POSSERUD, M., LUNDERVOLD, Astri, ATLE LIE, Stein, GILLBERG, Chistopher. The prevalence of autism spectrum disorders: Impact of diagnostic instrument and non-response bias. **Social Psychiatric Epidemiology**, v. 45, n. 3, p. 319-327, 2010. <https://doi.org/10.1007/s00127-009-0087-4>

RENZULLI, Joseph Salvatore. O que é esta coisa chamada superdotação e como a desenvolvemos? Retrospectiva de vinte e cinco anos. **Revista Educação**, v. 1, n. 52, p. 75-131, 2004.

RENZULLI, Joseph Salvatore. What makes giftedness? Reexamining a definition. **Phi Delta Kappan**, v. 60, n. 3, p. 180-184, 1978. <https://doi.org/10.1177/003172171109200821>

- RENZULLI, Joseph Salvatore. REIS, Sally Morgan. **The schoolwide enrichment model: A how-to guide for educational excellence.** Mansfield Center, CT: Creative Learning Press, 1997.
- RONKSLEY-PAVIA, Michelle, GROOTENBOER, Peter, PENDERGAST, Donna. Privileging the Voices of Twice-Exceptional Children: An Exploration of Lived Experiences and Stigma Narratives. **Journal for the Education of the Gifted**, v. 42, n. 1, p. 4-34, 2019. <https://doi.org/10.1177/0162353218816384>
- STERNBERG, R. J. Toward a triarchic theory of human intelligence. **Behavioral and Brain Science**, v. 7, n. 2, p. 269-287, 1984. <https://doi.org/10.1017/S0140525X00044629>
- TERMAN, Lewis. **Mental and physical traits of a thousand gifted children. Genetic studies of genius.** Stanford: Stanford University Press, 1925.
- VAUGHN, Liza M., JACQUEZ, Farah. Participatory Research Methods: Choice Points in the Research Process. **Journal of Participatory Research Methods**, v. 1, n. 1, 2020. <https://doi.org/10.35844/001c.13244>
- VIEIRA, Nara Joyce Wellausen, SIMON, Karolina Waechter. Diferenças e semelhanças na dupla necessidade educacional especial: altas habilidades/superdotação x síndrome de Asperger. **Revista Educação Especial**, v. 25, n. 43, p. 319-32, 2012. <https://doi.org/10.5902/1984686X5266>
- VILARINHO-REZENDE, Daniela, FLEITH, Denise Souza, ALENCAR, Eunice Maria Lima Soriano. Desafios no diagnóstico de dupla excepcionalidade: um estudo de caso. **Revista de Psicologia**, v. 34, n. 1, p. 61-84, 2016. <https://doi.org/10.18800/psico.201601.003>
- VIRGOLIM, Ângela Magda Rodrigues. **Altas Habilidades / Superdotação: encorajando potenciais.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.
- VOLKMAR, Fred R., MCPARTLAND, James C. From Kanner to DSM-5: Autism as an Evolving Diagnostic Concept. **Annual Review of Clinical Psychology**, v. 10, n. 1, p.193-212, 2014. <https://doi.org/10.1146/annurev-clinpsy-032813-153710>
- VOLKMAR, Fred R., REICHOW, Brian, MCPARTLAND, James C. Classification of autism and related conditions: progress, challenges, and opportunities. **Dialogues in Clinical Neuroscience**, v. 14, n. 3, p. 229-237, 2012. <https://doi.org/10.31887/DCNS.2012.14.3/fvolkmar>
- YEWCHUK, C., LUPART, J. L. Gifted handicapped: A desultory duality. In: K. Heller, F. J. Mönks, & A. H. Passow (eds.), *International handbook of research and development of giftedness and talent* (p. 709-725). New York, NY: Pergamon Press, 1993.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. **ICD-11 for mortality and morbidity statistics.** Genebra: WHO, 2019. Disponível em: <https://icd.who.int/browse11/l-m/en> Acesso 20 nov, 2022.